

ACERVO

# A Amazônia perde o verde

*No Brasil e no Exterior, congressos de ecologistas discutem como preservar a maior reserva do mundo*

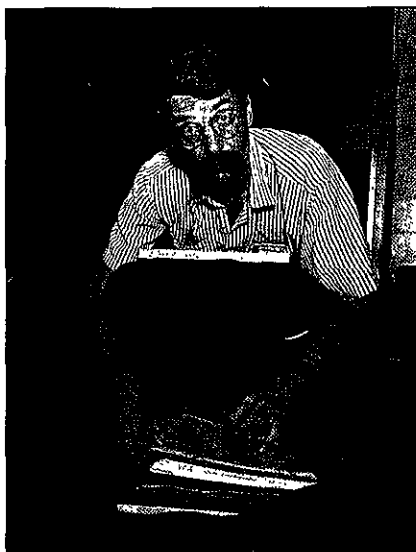
BEATRIZ FRAGELLI \*

Ao longo da semana passada, como acontece todas as semanas, a Floresta Amazônica foi devastada em uma área equivalente a cerca de 121 mil campos oficiais de futebol. O número é alarmante, mas dentro dos nove Estados amazônicos causa pouca indignação. Há quase um mês um dos maiores cartões-postais do Rio de Janeiro, o Pão de Açúcar, exhibe o apelo enorme "Salve a Amazônia". Na última semana, enquanto suas árvores seculares eram destruídas, alertas para a iminência de uma tragédia que pode transformar a maior reserva florestal do mundo em deserto e debates sobre como evitá-la aconteceram em Washington, nos Estados Unidos, em Piracicaba, no interior paulista, em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Belém. Em São Paulo houve também o lançamento do livro *As Hidrelétricas do Xingu e os Povos Indígenas*, que analisa profundamente um dos fatores mais sérios que ameaçam a Amazônia.

**P**ara o deputado federal Fábio Feldmann, a grande responsável pela devastação é a política de ocupação da Amazônia. "O governo parte da premissa de que é preciso ocupar a Amazônia antes que outros a ocupem", diz ele. Com base nessa idéia, projetos de instalação de pólos industriais, usinas siderúrgicas e hidrelétricas, garimpagem, atividades agropastoris e de extração de madeira na região têm sido amplamente incentivados pelo governo federal há mais de duas décadas.

Frente à velocidade assustadora da destruição da floresta, entidades ambientalistas do mundo todo têm-se manifestado e pressionado os bancos internacionais, que vinham finan-

\* Colaboraram: Maria Fernanda Faro, de São Paulo, Carlos José Marques e Ney Flávio Metrelles, do Rio.



GRACIELA MAGNONI

Fearnside e o apelo ecológico no Rio de Janeiro  
*A velocidade da devastação se compara à da inflação brasileira*

ciando as obras na Amazônia, para que só contribuam naquelas não prejudiciais ao meio ambiente. Os ecologistas brasileiros também conseguiram um grande avanço. De acordo com a nova Constituição, a Amazônia é Patrimônio Nacional, e todos os projetos a ela relacionados terão de ser aprovados pelo Congresso.

Essa mudança é a grande esperança de retração da destruição da floresta, que nos últimos anos tem sofrido um desmatamento anual de 35 mil quilômetros quadrados e já tem devastados quase 10% de sua área original, cerca de 3,6 milhões de quilômetros quadrados. Há 11 anos o norte-americano Philip Martin Fearnside, pesquisador do departamento de Ecologia do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, estuda a devastação da floresta. Segundo ele, sua situação hoje é "catastrófica". "O desmatamento é desenfreado e, se não forem tomadas medidas racionais do governo, o desmatamento se dará até a última árvore", alerta ele.

Por trás de tudo isso está a política



governamental de ocupação da Amazônia. Todas essas atividades contam com amplo apoio do governo, que risca a palavra ecologia de seu dicionário quando se trata de ocupação da região. A cobrança de imposto territorial na área reflete isso. Paga-se muito mais por áreas de floresta do que por áreas desmatadas. Há também um incentivo conhecido como índice três, que fornece a quem tenha desmatado 100 hectares de terra mais 300 hectares de prêmio. Nos Estados do Maranhão e Pará o índice é de oito – ou seja, quem desmata 100 hectares ganha mais 800. É a materialização da idéia de que desmatar é bom. Além disso, os pecuaristas da região têm ainda o incentivo de inúmeras facilidades fiscais.

**N**a área siderúrgica o descaso ecológico do governo também fica evidente. O projeto inicial de Carajás incluía uma área de reflorestamento, que forneceria a madeira que seria transformada em carvão vegetal para os fornos das 30 usinas que



PEDRO AGLISON

produzem ferro gusa, ferro liga, sílica metálica e cimento. Mas na realidade, quem abastece os fornos é a mata amazônica, que só na produção de ferro liga consome 1.000 quilômetros quadrados de árvores por ano. Além de destruir a vegetação, as queimadas, promovidas pelos pecuaristas e pelas usinas siderúrgicas, contribuem para que o Brasil seja hoje responsável por um décimo de todo o gás carbônico produzido no mundo, com 44 milhões de toneladas de monóxido de carbono por ano.

O lado econômico não justifica esse em-

preendimento. Grande parte da produção do Projeto Grande Carajás é vendida para fora do País em estado semi-acabado, por um preço muito inferior ao valor real. Recentemente a Campanha Nacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia (CNDDA) entrou com processo contra o governo federal por causa das usinas siderúrgicas de Carajás. Orlando Valverde, o presidente da CNDDA, revolta-se com o Projeto Carajás. “É um absurdo. Nós ficamos com a poluição, devastamos a floresta e oferecemos mão-de-obra barata para vendermos o produto por preço de banana. Depois eles nos vendem a preço de dólar”, diz ele.

O Plano 2010 elaborado pela Eletrobrás não promete atenuar a situação. Ela pretende implantar, até o ano 2010, 76 usinas hidrelétricas na Bacia Amazônica – quatro estão quase prontas e uma está em construção –, que representam 20% do ciclo hidrológico do Planeta. Se elas forem levadas adiante, significarão o alagamento de 100 mil quilômetros quadrados de floresta. Mas representam ▶▶

## SOCIEDADE

muito mais devastação por causa da infra-estrutura que se cria em torno de cada usina – com estradas, vilas e redes de transmissão. Elas afetarão a vida de pelo menos sete grupos indígenas, que terão de ser deslocados para outras regiões. O pior de tudo isso é que as usinas foram concebidas para fornecer energia aos projetos de ocupação da Amazônia, mas por características próprias do relevo da região estão fadadas à baixa produtividade e ainda correm o risco de não poder operar por alterações no ciclo hidrológico da região, ocasionadas pelo próprio desmatamento.

Um bom exemplo disso é a usina hidrelétrica de Balbina, construída no rio Uatumã. Faltam apenas dois metros de altura de água para que seu lago esteja cheio. A dificuldade para se chegar ao nível ideal ocorre porque o terreno onde foi construída é muito plano, e forçou o inundamento de uma área de 2.360 quilômetros quadrados que entraram em 29% da reserva indígena dos Waimiri-Atroari.

**D**e depois de terem acabado com as florestas tropicais da África e da Ásia, as madeireiras passaram a explorar a Floresta Amazônica. Há mais de 15 anos elas estão devastando a mata e, de 300 espécies potencialmente aproveitáveis que retiraram, usam apenas 11 para exportação. Em agosto último assinaram um contrato com o governo do Acre para passar a explorar a parte da floresta que pertence a esse Estado. As madeireiras vêm tanto potencial na exploração da Amazônia que elaboraram um projeto para prolongar a rodovia Transamazônica até o Oceano Pacífico para tirar a madeira do Acre por lá.

“A devastação da Amazônia se dá com intensidade igual à da inflação brasileira”, compara Fearnside. “Se não cuidarmos de protegê-la, em poucos anos ela não existirá mais.” Ele recomenda que não se veja a questão com uma ótica fatalista, e dá sugestões. Recomenda que o governo acabe com os incentivos ao desmatamento e com os lucros sobre a venda de terras e deixe de construir estradas para terras não agricultáveis. A responsabilidade pela salvação da Amazônia recai, no entanto, sobre os grupos ecológicos e o Congresso que poderão denunciar e impedir que se prossiga na destruição do pulmão do mundo. ●